



# Estrutura produtiva da indústria de confecção em Goiânia-GO

## Production structure of the confection industry in Goiânia-GO

Selma Maria da Silva<sup>1</sup>

### Resumo

A indústria de confecção goiana tem apresentado crescimento expressivo nos últimos anos e buscado avançar na posição de polo de moda no Brasil. Esse ramo de atividade é um dos que mais contribui para o desenvolvimento econômico e geração de emprego no estado de Goiás na atualidade. Tendo em vista sua relevância econômica e social, este estudo tem como objetivo apresentar um panorama geral da estrutura produtiva dessa indústria no município de Goiânia e o perfil dos trabalhadores. A pesquisa é descritiva, com abordagem quantitativa. As informações foram retiradas do banco de dados da RAIS e do Censo. Os resultados revelam que a indústria de confecção em Goiânia apresenta o seguinte panorama: a maioria dos estabelecimentos são microempresas, empregam de um a quatro funcionários. Quanto ao perfil dos trabalhadores, a maioria possui pouca escolaridade e baixa remuneração, as mulheres predominam na atividade.

**Palavras-chave:** Estrutura produtiva; Indústria de confecção; Vestuário; Goiânia; Brasil.

### Abstract

The manufacturing industry in Goiás has shown significant growth in recent years and sought to advance in the position of fashion pole in Brazil. This branch of activity is one of the most important contributors to economic development and job creation in the state of Goiás today. Considering its economic and social relevance, this study aims to present an overview of the productive structure of this industry in the city of Goiânia and the profile of the workers. The research is descriptive, with a quantitative approach. The information was taken from the RAIS database and the Census. The results show that the confection industry in Goiânia presents the following scenario: most establishments are micro-enterprises, employ one to four employees. As for the profile of the workers, the majority have little education and low remuneration, women predominate in the activity.

**Keywords:** Productive structure; Confection industry; Clothing; Goiânia; Brazil.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás – UFG, Goiânia, GO, Brasil. Mestre em Agronegócios, Universidade Federal de Goiás – UFG, Goiânia, GO, Brasil. Contato: profasms@hotmail.com.



## 1. Introdução

As transformações que ocorreram nos últimos séculos impactaram significativamente a economia e o mundo do trabalho. Tais transformações têm início com o advento do liberalismo ocorrido na Europa Ocidental no século XVII e XVIII<sup>2</sup>. Na perspectiva do liberalismo, o Estado deveria ter uma menor intervenção na esfera econômica, restringindo seu papel a proporcionar a livre concorrência e o direito à propriedade individual.

A abrangência das ideias do pensamento liberal culminou na fundamentação teórica do Estado Liberal, em que o Estado passa a adotar uma postura de *Welfare State* (Estado Social) e implementa um conjunto de políticas públicas para melhorar as condições de vida da classe trabalhadora. Para tanto, o Estado passa a colaborar com o sistema liberal através de estratégias voltadas para o controle de políticas fiscais e monetárias, objetivando garantir o emprego da classe trabalhadora (HARVEY, 2012).

Todavia, as dificuldades provocadas pela Segunda Guerra Mundial (1945) levam ao fim as políticas de bem-estar-social e ao surgimento do neoliberalismo<sup>3</sup>. Tal mudança foi vista como uma solução à complexa conjuntura política/econômica, às necessidades de ajustes econômicos e à crise do petróleo nos anos de 1970. Para tanto, foi necessário adotar um conjunto de medidas neoliberais, tais como estabilidade monetária, reformas fiscais, privatizações, redução do custo no setor produtivo e no comércio internacional (HELOANI; MACÊDO; CASSIOLOTO, 2010).

A adoção do neoliberalismo provocou profundas mudanças no mundo do trabalho, com implicações diretas e indiretas na vida dos trabalhadores. Na esfera pública e privada, as organizações passaram a adotar novas tecnologias de gestão e organização do trabalho. Os temas e conceitos utilizados no interior dessas organizações foram: empregabilidade; desregulamentação; privatização; mercado; *downsizing*, terceirização; flexibilização; administração pública gerencial; administração participativa, dentre outras (HELOANI; MACÊDO; CASSIOLOTO, 2010).

O neoliberalismo trouxe, além de mudanças no mundo do trabalho, novas exigências para o trabalhador. As exigências estão relacionadas à iniciativa, capacidade cognitiva, de raciocínio lógico e criatividade, com a finalidade de dar respostas aos problemas. Tais mudanças tiveram como consequências o aumento do desemprego e do trabalho informal, as terceirizações, contratos de trabalho temporários, *part-time*, cooperativado, em domicílio, autônomo, dentre outros (ANTUNES, 2008).

Dentre os vários setores que buscaram se adequar às transformações e ao movimento neoliberal, destaca-se o da indústria de confecção. Essa indústria se constitui como um dos mais importantes setores da economia. A contribuição dessa indústria se deve, principalmente, à sua grande capacidade de absorver mão de obra, fator essencial para países em desenvolvimento.

Sua origem advém do trabalho familiar, cuja configuração produtiva está estruturada em uma pequena produção realizada por uma grande quantidade de pequenas unidades produtivas, produtos artesanais e industriais, e predominância de trabalhadores do sexo feminino.

O principal objetivo desse artigo é, portanto, apresentar um panorama da indústria de confecção no município de Goiânia-GO<sup>4</sup>, mostrando sua estrutura produtiva e o perfil dos trabalhadores. A indústria de confecção em Goiânia assume papel relevante na economia local, sendo fonte de geração

<sup>2</sup> As ideias advindas do pensamento liberal foram inicialmente adotadas na Grã-Bretanha e passaram a ser objeto de estudos na economia. Adam Smith foi o precursor na concepção de uma teorização que fundamentasse o liberalismo. Sua obra *A riqueza das nações*, publicada em 1776, defendia o afastamento do Estado na economia, alegando que o próprio mercado seria o regulador na distribuição de bens na sociedade.

<sup>3</sup> A participação do Estado na economia, na conjuntura do neoliberalismo, era de um Estado Mínimo, com pouca atuação na economia, denominado Estado Neoliberal.

<sup>4</sup> O setor de confecção é objeto da tese de doutorado desenvolvida por esta autora na Universidade Federal de Goiás - UFG.



de empregos para milhares de trabalhadores.

Além dessa introdução e das considerações finais, este texto é composto por duas partes. A primeira apresenta uma breve discussão teórica sobre a indústria de confecção. A segunda apresenta os resultados da pesquisa, mostrando a estrutura da indústria de confecção da capital goiana e o perfil dos trabalhadores.

No que tange à metodologia, este estudo se constitui de uma pesquisa de caráter descritivo<sup>5</sup>, com abordagem quantitativa. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica visando descrever a indústria de confecção na perspectiva de autores da economia, psicologia e sociologia. Quanto à fonte de dados, foram utilizadas informações da Relação Anual de Informações Sociais do Ministério do Trabalho e Emprego (RAIS/MTE) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE - Censo).

## 2. Caracterização da indústria de confecção

O setor têxtil e de confecção emergiu no contexto da Revolução Industrial na Inglaterra, na segunda metade do século XVIII, e se constitui como uma das atividades tradicionais na passagem da manufatura para a grande indústria, período marcado por grandes transformações no processo de produção e nas condições de trabalho.

Marx (1983), ao estudar a indústria do vestuário no seu processo de industrialização capitalista, postula que a transformação no modo de produção resultou em uma divisão social do trabalho. O detentor do capital comprava os recursos de produção, matéria-prima, máquinas, ferramentas e força de trabalho para a manufatura de produtos em grande escala.

O sistema de industrialização da época era baseado na intensificação do uso de maquinário no processo de manufatura. Contudo, à medida que a maquinaria era empregada na manufatura, a força muscular se tornava dispensável. A tecnologia aplicada à indústria do vestuário – confecções, alfaiataria, fabricação de sapatos, costura, chapelaria – era a máquina de costura (MARX, 1983).

A produção elevada na indústria de confecção teve como corolário a precariedade das condições de trabalho, caracterizada por baixos salários e longas jornadas. O trabalhador recebia o mínimo de salário necessário para vegetar miseravelmente, somado ao máximo de tempo de trabalho humanamente possível (MARX, 1983).

O crescimento da indústria do vestuário e de estabelecimentos comerciais resultou em uma substancial ampliação da mão de obra. Todavia, o trabalho realizado passou a ser exercido fora do ambiente da manufatura ou dos estabelecimentos comerciais, dando início a um novo perfil de trabalhador: o trabalhador externo.

No que tange à cadeia produtiva da indústria de confecção, esta é composta por diversos segmentos, tais como: produção de matéria-prima, fiação, tecelagem/malharia, acabamento/beneficiamento, confecção e comércio – atacado e varejo (AMORIM, 2003; RECH; COSTA, 2009), tal como apresenta a Figura 1.

Figura 1 - Cadeia produtiva da indústria de confecção



Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados de Amorim (2003), Rech e Costa (2009).

<sup>5</sup> Segundo Gil (2008), a pesquisa descritiva visa descrever as características de determinada população ou fenômeno, ou ainda, a relação entre variáveis.



A cadeia produtiva têxtil e de confecções se inicia com a produção da matéria-prima, que inclui as fibras e/ou filamentos, que seguem para a etapa de fiação, sendo transformados em fios, onde seguem para a etapa de tecelagem (que fabrica os tecidos planos) ou para a malharia (tecidos de malha). Posteriormente, passam para a etapa de acabamento/beneficiamento; logo após, seguem para a etapa da confecção. Finalmente, as peças elaboradas seguem para o mercado, que é composto pelos canais de distribuição e comercialização: atacado e varejo (RECH, 2006; RECH; COSTA, 2009).

Quanto às etapas do processo produtivo na indústria de confecção, estas são: idealização (criação, *design*), preparação (modelagem, gradeamento, corte), montagem (costura, *overloque*) e acabamento (caseamento, botões, limpeza, passadoria) (ABREU, 1986; NUNES; CAMPOS, 2006; CASTRO, 2004; CASTRO; BRITO, 2006), tal qual indica a Figura 2.

Figura 2 – Etapas do processo produtivo da indústria de confecção



Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados de ABREU (1986); NUNES; CAMPOS (2006); CASTRO (2004); CASTRO; BRITO (2006).

O emprego de inovações tecnológicas na indústria de confecção praticamente se restringe às duas primeiras fases, com destaque para as etapas de desenho (uso de sistemas *Computer Aided Design* – CAD) e máquinas operatrizes automatizadas para corte (*sistemas Computer Aided Manufacturing* – CAM). Todavia, a utilização dessas tecnologias se restringe a empresas maiores, que produzem em larga escala, restando à etapa de montagem o trabalho intensivo de costureiras em máquinas de costura manual (NUNES; CAMPUS, 2006).

Abreu (1986), pioneira nos estudos sobre a indústria do vestuário no Brasil, explicita que nos países desenvolvidos (Inglaterra e França) a indústria assumiu formas acentuadas de exploração do trabalho, tais como longas jornadas, intensificação do trabalho, divisão do trabalho, desqualificação do trabalhador e a admissão de mulheres e crianças nos postos de trabalho.

Segundo a autora, a produção de roupas prontas estava baseada no emprego de trabalhadores a domicílio, operando máquinas a pedal e fabricando artigos cortados em oficinas centrais pelos comerciantes atacadistas, sob o sistema de subcontratação.

Abreu (1986) destaca quatro características gerais da indústria de confecção. Primeiro, o reduzido impacto de inovações técnicas no setor como um todo. Os avanços tecnológicos restringem-se às grandes empresas e abrangem as áreas de modelagem e corte de costura, sistemas computadorizados de raio *laser* para cortar tecidos, máquinas de costura programadas por computadores<sup>6</sup>.

Segundo, a existência de uma estrutura industrial altamente heterogênea. Tal estrutura tem em vista fugir da heterogeneidade da moda ao se concentrar nas áreas onde os produtos são mais padronizados, os quais podem ser elaborados com maior homogeneidade em diferentes estações do ano e com ampla cobertura de mercados de grande extensão, a exemplo de roupas íntimas e jeans.

Terceiro, a alta divisibilidade do processo de produção. A divisibilidade pode ser do ponto de vista geográfico (local, regional e global) ou na forma de organizar o trabalho. As tarefas de criação e preparação (corte e modelagem) podem ser realizadas separadas do processo de costura. Essa característica favorece a externalização da produção, principalmente a costura, mais intensiva em mão de obra.

Quarto e último, a importância da comercialização, ou *marketing*. Por ser um setor altamente influenciado pela moda, determinados produtos têm um ciclo de vida muito curto no mercado. Nesse

<sup>6</sup> Essas máquinas dispensam operadoras, mas sua utilização é restrita a grandes empresas, que produzem em larga escala e com capacidade de investir em bens duráveis mais sofisticados (ABREU, 1986).



sentido, o sucesso das empresas do setor se torna altamente dependente de ações e estratégias de *marketing*.

No Brasil, o processo de industrialização foi tardio comparado aos países industrializados. Embora tardio, a indústria de confecção brasileira ganhou força rapidamente. O estudo de Abreu (1986) aponta que em 1920 a indústria de confecção já se configurava como uma das mais importantes da época, ficando atrás apenas da indústria de alimentação e têxtil. Nessa época, “a indústria de confecções representava 14,9% dos estabelecimentos recenseados, empregava 10,7% do pessoal ocupado em atividades industriais” (ABREU, 1986, p. 104).

A partir de 1940, a indústria de confecção começa a perder participação no parque industrial brasileiro, e só retoma seu crescimento a partir da década de 1970. Na década de 1990, a indústria têxtil e do vestuário passa por um processo de reestruturação. A reestruturação teve como ponto de partida a abertura comercial e a competição globalizada. O processo de reestruturação na indústria de confecção trouxe maior flexibilidade ao processo produtivo, que assumiu diferentes formas de organização da produção, a exemplo da terceirização de trabalho a domicílio.

No que concerne à estrutura produtiva da indústria de confecção brasileira, esta é diversificada em termos de quantidade, tamanho dos estabelecimentos e da mão de obra empregada. Tais características são demonstradas a seguir.

### 3. Indústria de confecção no Brasil e em Goiás: considerações sobre a estrutura produtiva

No que concerne ao número de estabelecimento na indústria de confecção no Brasil, no ano de 2013, a região Sudeste ocupava o primeiro lugar (34.352), em seguida as demais regiões, a saber: Sul (20.369), Nordeste (10.532), Centro-Oeste (5.181), Norte (769) (RAIS, 2013).

Destaca-se, entretanto, que o movimento de desconcentração das indústrias nos últimos anos tem contribuído para uma redução no número de estabelecimentos nas regiões Sul e Sudeste, e um aumento no número de estabelecimentos nas regiões Nordeste e Centro-Oeste (CASTRO, 2004). Considerando apenas a região Centro-Oeste, esta tem apresentado aumento contínuo no número de estabelecimentos de confecção no período de 2010 a 2013, com variação relativa de 16,7% (RAIS, 2010, 2013).

Quanto ao número total de vínculos ativos nas regiões brasileiras, no ano de 2013, foi possível verificar que a região Norte ocupava a primeira posição (7.886), seguida pelas demais regiões, tais como: Sudeste (482.819), Sul (303.018), Nordeste (177.296), Centro-Oeste (46.410). Esses números agregados representam o número total de vínculos ativos no Brasil (1.017.429).

A análise por sexo indica que dentre o total de vínculos ativos no Brasil, 64% são ocupados por trabalhadores do sexo feminino, e 36% pelo masculino (RAIS, 2013). Tais resultados corroboram com as pesquisas realizadas na indústria de confecção brasileira, as quais evidenciam a supremacia do gênero feminino no setor (LEITE, 2004; NUNES; CAMPOS, 2006; LIMA, 2009; VILASBOAS, 2015).

No que se refere ao salário médio em reais, os dados da RAIS (2013) revelam que a região Sul tem o maior salário (R\$ 1.299,74), seguida das demais regiões, tais como: Sudeste (R\$ 1.270,64), Centro-Oeste (R\$ 981,99), Nordeste (R\$ 927,66), Norte (R\$ 906,65).

A Tabela 1 mostra a participação de Goiás na região Centro-Oeste e nacionalmente. Em 2013, Goiás teve participação relativa de 58,6% no total de unidades industriais do vestuário na região Centro-Oeste, ressaltando sua importante contribuição na economia regional. Entretanto, comparando o ano de 2010 a 2013, é possível observar que houve redução no número de estabelecimento (RAIS, 2013).

A época que o estado apresentou maior crescimento foi nos anos de 1995 a 2010, com uma quantidade de estabelecimentos em torno de 1.066 e 3.435 respectivamente, demonstrando uma variação relativa de 322,3% no período (RAIS, 2013).



**Tabela 1 – Goiás: Indústria de confecção - Número de estabelecimentos e participação relativa (%) (2010 - 2013)**

Estabelecimentos	2010	2011	2012	2013
Número de estabelecimentos	3.435	3.785	3.916	3.037
Participação % no Brasil	5,2	5,4	5,6	4,3
Participação % no Centro-Oeste	77,4	77,9	77,4	58,6

Fonte: RAIS/MTE. Elaboração da autora.

No que tange ao número de vínculos ativos, em 2013, a região Centro-Oeste contava com 46.410 vínculos. A participação de Goiás nesse total foi de 69%; já no Brasil, sua participação foi de 3,1% (Tabela 2). Comparando o ano de 2010 com o ano de 2013, nota-se que houve crescimento no número de vínculos ativos no setor.

**Tabela 2 - Goiás: Indústria de confecção - Número de vínculos ativos (2010- 2013)**

	2010	2011	2012	2013
Goiás	27.568	28.949	31.196	31.922
Centro Oeste	41.318	43.197	46.123	46.410
Total Brasil	1.036.949	1.024.960	1.011.714	1.017.429

Fonte: RAIS/MTE. Elaboração da autora.

A análise por sexo indica que dos 31.922 vínculos ativos na indústria de confecção no estado de Goiás, as mulheres representam 67%, os homens 33%. Tal resultado se aproxima dos dados levantados para o Brasil no mesmo período, o qual apresentou a média de 64% para o feminino, e 36% para o masculino (RAIS, 2013).

No que tange ao porte dos estabelecimentos na indústria de confecção em Goiás, estes se configuram como microempresas, a maioria empregando de um a quatro funcionários.

Com relação ao perfil dos trabalhadores na indústria de confecção em Goiás, os dados da RAIS (2013) revelam que as mulheres são maioria no segmento. Dentre os 31.922 trabalhadores, as mulheres representam 64%, os homens, 36%. No que tange à faixa etária, a maioria têm entre 30 e 39 anos de idade. A faixa salarial média predominante vai de um a dois salários mínimos. O nível de instrução mais expressivo é o ensino médio completo.

O crescimento da indústria de confecção na região Centro-Oeste permitiu que o estado de Goiás se tornasse um dos principais polos confeccionistas do Brasil. O estado assume a posição de terceiro maior polo brasileiro do setor de vestuário do país. Com produção diversificada, o estado produz mais de 5 milhões de peças por mês (SECRETARIA DE ESTADO DE GESTÃO E PLANEJAMENTO DE GOIÁS – SEGPLAN, 2013).

A indústria goiana se divide entre os segmentos de modinha, moda feminina, moda praia, lingerie, moda infantil e jeans. Os atributos dos produtos são qualidade e preços baixos. Nos últimos anos, outros países têm se interessado pela moda goiana, fato que permitiu a exportação de vestuário para os Estados Unidos, Itália, França, Espanha e os países do Mercosul.

A indústria de confecção em Goiás concentra-se, principalmente, nos municípios de Goiânia, Jaraguá, Aparecida de Goiânia, Trindade, Anápolis, Jataí, Rio Verde, Catalão, Senador Canedo e Inhumas.

O polo de confecção com maior destaque no estado é o do município de Goiânia. A cidade de Goiânia está localizada a 240 km da capital do Brasil, Brasília, abriga uma população de 1.302.001 habitantes, sendo 47,7% do sexo masculino e 52,3% do sexo feminino (CENSO, 2010).

A seguir, é apresentado um panorama da indústria de confecção em Goiânia.



## 4. Indústria de confecção em Goiânia: estrutura produtiva e perfil dos trabalhadores

As primeiras indústrias de confecções em Goiânia surgiram por volta da década de 1950, impulsionadas pelo aumento da população e pelo crescimento na demanda de bens de consumo e serviços. À medida que a indústria de confecção se desenvolvia e a atividade ganhava importância na economia local, novas indústrias foram surgindo, tanto na grande capital como nos municípios goianos. Na capital, as lojas de confecções se concentraram nas regiões de Campinas, Fama, Marista.

Nas décadas de 1980 e 1990, mesmo diante de um cenário de crise e reestruturação do setor de confecção no Brasil, houve um crescimento explosivo de micro e pequenas empresas de confecção em Goiânia. Nos anos 2000, surge a região da Rua 44, no Setor Norte Ferroviário, sendo, atualmente, a região com maior número de lojas atacadistas de produtos do vestuário no município.

A localização geográfica de Goiânia, no centro do país e vizinho dos estados de Minas Gerais, Bahia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Tocantins, possibilitou o atendimento da demanda por produtos confeccionados para estes e outros estados, fazendo da capital goiana um dos principais polos de confecção do Brasil.

A indústria de confecção em Goiânia é composta pelos seguintes elos: estamparias, lavanderias, facções (de montagem e acabamento), lojas de confecção (varejo e atacado), fornecedores de matéria-prima (aviamentos, tecidos etc.), representantes comercial, transportadoras.

Faz parte ainda da indústria de confecção um grande número de prestadores de serviços não formalizados em atividades como bordados a máquina, manutenção de máquinas e equipamentos, representação comercial e desenho de moldes, bordadeiras e demais trabalhos manuais.

Quanto ao número de estabelecimentos e número de vínculos ativos na indústria de confecção em Goiânia, os dados da RAIS revelam que houve flutuação no período de 2010 a 2015. Conforme pode ser observado na Tabela 3, entre o ano de 2010 e 2013, o número de estabelecimentos se manteve praticamente constante; já no ano de 2014 e 2015 passa a apresentar uma queda contínua. A mesma situação ocorre no número de vínculos ativos, que se manteve praticamente estável até o ano de 2013; do ano de 2014 para frente, esse número começa a diminuir, com queda acentuada no ano de 2015 (RAIS, 2010-2015).

A queda no número de estabelecimentos e número de vínculos a partir de 2014 está relacionada à crise econômica e política que tem se desenvolvido no país a partir deste ano, cujas consequências têm sido o fechamento de empresas e a demissão de funcionários como medida de redução de custos.

**Tabela 3 – Goiânia - Número de estabelecimentos e número de vínculos ativos na indústria de confecção (2010- 2015)**

Ano	N. Empreendimentos	N. Vínculos ativos
2010	3.070	18.861
2011	3.031	18.610
2012	2.983	18.607
2013	3.026	17.994
2014	2.896	17.170
2015	2.084	14.977

Fonte: RAIS/MTE. Elaboração da autora.

No que se refere ao porte dos estabelecimentos de confecções no município, predominam as microempresas, um reduzido número de empresas de pequeno porte e quase ausência de médias e grandes empresas. A supremacia de microempresas é uma característica da indústria de confecção no Brasil.

Quanto ao número de vínculos de empregos por tamanho do estabelecimento, em Goiânia, as microempresas empregam um maior número de trabalhadores, em seguida as pequenas empresas. Sobre o uso de tecnologia na indústria de confecção em Goiânia, destaca-se o baixo uso. A maioria utiliza apenas a máquina de corte.



O levantamento do perfil dos trabalhadores indica que as mulheres são maioria nos postos de trabalho regulamentado na indústria de confecção em Goiânia, no ano de 2015. Segundo os dados da RAIS (2015) as mulheres somam 68%, os homens 32%. Pesquisa realizada por Nunes e Campos (2006), e Pedroso (2008), na indústria de confecção no município de Goiânia, evidencia a predominância de mulheres na atividade, o que indica que essa característica ainda permanece (Tabela 4).

**Tabela 4 – Goiânia: Ocupados segundo sexo na indústria de confecção (2015)**

Ano	Masculino	Feminino	Total
2015	4.856	10.121	14.977

Fonte: RAIS/MTE. Elaboração da autora.

Em relação à faixa etária dos trabalhadores na indústria de confecção na capital, os dados da RAIS (2015) revelam a predominância de uma mão de obra madura e outra jovem. Em primeiro lugar estão as pessoas de faixa etária entre 30 a 39 anos, 29%; em segundo, as pessoas com faixa etária entre 18 a 24 anos, 24% (Tabela 5). A faixa etária de 30 a 39 anos é composta de 69% de mulheres, e 31% de homens. Na faixa etária de 18 a 24 anos, as mulheres representam 54%, os homens 46%. A concentração de mulheres com idade mais elevada é uma característica da indústria de confecção brasileira.

**Tabela 5 – Goiânia: Ocupados segundo a faixa etária na indústria de confecção (2015)**

Faixa etária	Quantidade de ocupados
15 a 17 anos	219
18 a 24 anos	3.548
25 a 29 anos	2.601
30 a 39 anos	4.344
40 a 49 anos	2.715
50 a 64 anos	1.489
65 ou mais	61
Total	14.977

Fonte: RAIS/MTE. Elaboração da autora.

Quanto ao nível de escolaridade, os dados da RAIS (2015) indicam que 66% dos trabalhadores registrados na indústria de confecção em Goiânia, no ano de 2015, possuem escolaridade entre o nível médio completo e o superior incompleto (Tabela 6).

Pesquisa realizada por Nunes e Campos (2006), mostrou que o grau de instrução dos trabalhadores da indústria de confecção em Goiânia, no ano de 2006, era de 52% no ensino fundamental completo, e de 47% no ensino médio completo, o que indica que houve aumento no grau de instrução dos trabalhadores de 2006 para 2015.

A análise por sexo indica que tanto homens quanto mulheres se concentram no nível médio completo e superior incompleto: elas representando 68%; eles 32%. Tal resultado se contrapõe aos estudos que apontam que as mulheres possuem escolaridade mais elevada que os homens na maioria dos setores de atividades, o que inclui o setor de confecção.

**Tabela 6 – Goiânia: Ocupados segundo o grau de instrução na indústria de confecção (2015)**

Nível de instrução	
Sem instrução e Fundamental incompleto	1.072
Fundamental completo e Médio incompleto	3.649
Médio completo e Superior incompleto	9.902
Superior completo	354
Total	14.977

Fonte: RAIS/MTE. Elaboração da autora.



Quanto à remuneração na indústria de confecção em Goiânia, no ano 2015, a faixa salarial média preponderante no setor varia de mais de um até um e meio salários mínimos (RAIS, 2015). Os dados do Censo (2010) reforçam a predominância desta faixa salarial na indústria de confecção goiana. Na análise da remuneração segundo o sexo, os dados revelam que homens e mulheres se concentram na mesma faixa salarial de mais de um até um e meio salários mínimos: elas representando 71,7%, eles 28,3%. A concentração do trabalho no nível de remuneração de mais de um até um e meio salários mínimos é uma realidade do setor de confecção brasileiro.

Sobre o ambiente institucional da indústria de confecção em Goiânia, este comporta: Instituições de capacitação (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Universidade Federal de Goiás, Faculdade Universo); Instituições financeiras (Agência de Fomento de Goiás, Banco do Brasil, Bradesco, Caixa Econômica, Itaú etc.); Entidades de Classe (Sindicato das Indústrias de Vestuário do Estado de Goiás, Associação das Indústrias de Confecção de Goiânia); Órgãos Estaduais (Secretaria de Indústria e Comércio, Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento, Secretaria de Comércio Exterior e Secretaria de Ciência e Tecnologia), dentre outros.

## 5. Considerações finais

Este estudo teve como objetivo apresentar um panorama da indústria de confecção no município de Goiânia-GO e o perfil dos trabalhadores. Para compor esse panorama, foram consultadas informações da Relação Anual de Informações Sociais do Ministério do Trabalho e Emprego (RAIS/MTE) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE - Censo).

Os resultados encontrados indicaram que no ano de 2015 existiam 2.084 indústrias de confecções instaladas em Goiânia, a maioria se configurando como microempresas e empregando de um a quatro funcionários. No que tange ao número de vínculos ativos em 2015, estes somam 14.977, dentre este total, 10.121 são ocupados por mulheres.

Quanto ao perfil dos trabalhadores, a maioria é do sexo feminino. A idade predominante varia de 30 a 39 anos. No que tange à escolaridade, prevalece o ensino médio completo e o superior incompleto; homens e mulheres se concentram neste nível de escolaridade. Com relação à renda, a maioria dos trabalhadores auferem remuneração de mais de um até um e meio salários mínimos; tanto homens quanto mulheres se concentram nesta faixa de remuneração.

Diante do exposto, pode-se afirmar que as características da indústria de confecção em Goiânia segue a tendência brasileira, a saber: predomínio de microempresas, feminização, baixa qualificação e remuneração dos trabalhadores.

Os resultados apresentados podem contribuir para a realização de novos estudos científicos, bem como de auxiliar os profissionais da área a buscar melhorias para o setor. A limitação do estudo se refere à escassez de informações sobre a indústria em questão.

## 6. Referências bibliográficas

ABREU, A. R. de P. **O avesso da moda, trabalho à domicílio na indústria de confecção**. São Paulo: Mussite, 1986.

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. São Paulo: Cortez, 2008.

AMORIM, E. R. A. **No limite da precarização? Terceirização e trabalho feminino na indústria de**



**confecção.** Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Unicamp, Campinas, 2003.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). **Bases Estatísticas.** Relação anual de informações sociais – RAIS. Brasília, 2010-2015. Disponível em: <http://www3.mte.gov.br/rais/2010>. Acesso em: out. 2014.

CASTRO, S. D. O arranjo produtivo de confecções da região de Jaraguá-Go. **Relatório de Atividades da Rede de Pesquisa em Sistemas Produtivos e Inovai-vos Locais.** UFRJ. Instituto de Economia. Março, 2004.

CASTRO, S. D; BRITO L. **Dinâmica Produtiva da Indústria de Confecções de Vestuário em Goiás.** Goiânia, 2006. Disponível em: <http://www.seplan.go.gov.br/sep/sep/pub/conj/conj7/05.htm>. Acesso em: abr. 2014.

CENSO DEMOGRÁFICO. 2010. **Características da população e dos domicílios.** Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/english/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas\\_da\\_populacao/resultados\\_do\\_universo.pdf](http://www.ibge.gov.br/english/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_da_populacao/resultados_do_universo.pdf)Acesso em: abr. 2014.

GIL, C. A. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 2008.

HELOANI, R.; MACÊDO K. B.; CASSIOLOTO, R. O exercício da profissão: características gerais da inserção profissional do psicólogo. In: **O trabalho do psicólogo no Brasil.** BASTOS, A. V. B.; GONDIM, S. M. (org). Porto Alegre: Artmed, 2010.

LEITE, M. de P. **Tecendo a precarização: gênero, trabalho e emprego na indústria de confecções em São Paulo.** SP: ANPOCS, 2004.

LIMA, Â. M. de S. **As faces da subcontratação do trabalho: um estudo com trabalhadoras e trabalhadores da confecção de roupas de Cianorte e região.** Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - UNICAMP, 2009.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política.** São Paulo: Abril Cultural, 1983. v. 1.

NUNES, Jordão H; CAMPOS, Andréia F. O setor de confecção em Goiânia: análise da relação entre trabalho doméstico e trabalho domiciliar. **Sociedade e Cultura**, v. 9, n. 2, p. 237-255, jul/dez. 2006.

PEDROSO, S. **Geração de emprego e renda como fator de inclusão social: confecção no município de Goiânia (200-2006).** Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Planejamento Territorial) - Universidade Católica de Goiás, 2010.

RECH, Sandra. R. **Cadeia produtiva da moda: um modelo conceitual de análise da competitividade no elo confecção.** Tese (Doutorado em Engenharia de Produção). Florianópolis: UFSC, 2006.

RECH, S. R.; COSTA, J. I. P. da. Estrutura da Cadeia Produtiva Brasileira da Moda. **Actas de Deseño**, Año IV, Vol. 7, Julio 2009, Buenos Aires, Argentina.

SECRETARIA DE ESTADO DE GESTÃO E PLANEJAMENTO DE GOIÁS - SEGPLAN. 2010. **Instituto Mauro Borges de estatísticas e estudos socioeconômicos.** Disponível em: <http://www.imb.go.gov.br/>. Acesso em: out. 2014.



---

VILASBOAS, Jaqueline. P. de O. **A capital goiana do jeans: flexibilidade, subcontratação e gênero no setor de confecção do município de Jaraguá-GO.** Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Campinas: UNICAMP, 2015.

Data de submissão do artigo: 17/05/2018

Data da decisão editorial: 17/07/2019